



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

Diário de Abuxarda (excertos)

Marcello Duarte Mathias

Para citar este documento / To cite this document:

Marcello Duarte Mathias, "Diário de Abuxarda (excertos)", *Colóquio/Letras*, n.º 187, Set. 2014, p. 129-142.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

MARCELLO DUARTE MATHIAS

Diário de Abuxarda (excertos)

2012-2014

2012

Abuxarda, terça-feira, 13 de Março

Por volta dos meus quinze anos, ouvia com frequência um disco, que comprara por minha iniciativa, das poesias de Rilke, ditas em alemão. Pouco ou nada entendia do que lá se dizia, mas deixava-me encantar pela sonoridade arrastada e profunda (era uma voz de homem que as recitava), dessa belíssima língua que é o alemão, assim dita e pronunciada. Musicalidade tanto mais cativante quanto nela se esgotava tudo o que me era dado apreender.

Em Paris, no liceu Janson-de-Sailly, que então frequentava, tive nos últimos anos, equivalentes aos nossos antigos sexto e sétimo, aulas de alemão, como segunda língua estrangeira.

Estavam elas a cargo de *Herr Professor Löhner* (com trema e tudo, se faz favor), que me perguntava sempre, referindo-se ao trabalho de casa, com o ar de quem já conhece de antemão a resposta: «Mathias, was haben Sie für heute gemacht?» O tom com que esta pergunta me era repetidamente dirigida no início de cada aula não augurava nada de bom...

Alto e magro, feições crispadas, Herr Löhner andava lentamente de forma compassada, um tanto descaído para a frente, como se receasse tropeçar a cada passo, atitude agravada pela inclinação da cabeça que sofria de um leve menear, à maneira de um boneco mal aparafusado, como se também ela, ao menor movimento, ameaçasse desprender-se do tronco. Vê-lo andar assim, amiúde solitário, no vasto terreiro da escola, de gabardina as mais das vezes, segurando a sua pasta, era, para mim, que o observava de longe, um sempre intrigante espectáculo. Quem era ele afinal? Um francês da Alsácia ou da Lorena? Que educação recebera? E seus avós? Haviam sido alemães?...

Talvez em honra de Rilke, cujos poemas mal entendia, ou, quiçá, em longínqua homenagem à figura de Herr Löhner, que se preocupava em atenuar a minha ignorância e me ensinou o pouquíssimo alemão de que ainda me

lembro, ou, se calhar, por razão alguma, decidi esta manhã inscrever-me aqui, no Estoril, num curso de alemão.

Se registo hoje este facto, anódino entre todos, é porque se me afigura constituir, atendendo à idade que é hoje a minha, o gesto mais optimista de que há muitos anos me recordo de ter tido.

Abuxarda, domingo, 25 de Março

Na morte de Antonio Tabucchi

Recordo o Antonio aqui na Abuxarda, durante o Verão, há muitos anos. Há fotografias desse almoço que foi ao ar livre.

Lembro-me de o ir visitar a um pequeno apartamento que ele arrendara frente ao mar em Cascais, na rua da Saudade (onde vivera Mircea Eliade durante a guerra, se calhar, era a mesma morada!?), e de um jantar — tudo isto tem séculos acumulados — no Alto Estoril, em casa do Vasco Graça Moura e da conversa que depois se prolongou noite fora no jardim.

Lembro-me de outro almoço em Paris¹, este bem mais recente, e da dificuldade em encontrar um restaurante (em redor de Saint-Germain-des-Prés, onde ele vivia), que merecesse a sua aprovação, coisa que à partida não era fácil — neste, a ementa deixava a desejar; naquele, não se comia lá muito bem; já este era demasiado aquecido, embora fosse uma sugestão recomendável; este outro era bom mas já lá estivera a semana anterior; aquele ficava longe e ele não dispunha de tempo; quanto à comida chinesa, *ni hablar!* Esgotadas umas tantas hipóteses, abancámos finalmente na *Entrecôte* na rue Saint-Benoît com o Antonio a pedir à criada, atónita, um peixe cozido, assim e assado! Logo ao entrar, o Antonio recusara os bancos corridos ao fundo da sala e escolhera uma mesa de canto, ao lado da porta, por debaixo de um enorme cabide de muitos braços, para estar, presumo eu, perto da saída. Tão pouca sorte foi a nossa que o dito bengaleiro, ajoujado de casacos, sobretudos, cachecóis e chapéus (estava-se em pleno Inverno), poucos minutos depois desabou estrondosamente por cima de nós os dois, para gáudio dos presentes! Memorável almoço que nos fez rir a bom rir.

Foi aí que ele me disse tencionar publicar em breve um romance que guardava há muito na gaveta mas que necessitava de o recompor por inteiro, sendo tarefa para algumas semanas. (Tratava-se, se não estou em erro, de *Tristiano morre*). Pouco depois, a Anne-Marie e o Marcelo, nosso filho, cruzaram-se com o Antonio em Atenas, indo ele a caminho da ilha de Sifnos para aí se instalar e passar a limpo o romance com letra legível, pois, tanto quanto sei, nem sequer usava máquina de escrever.

Agora, ficam os seus livros e aquela subtil alquimia entre saber e sabedoria, que era o segredo do que escrevia. Um olhar italiano em suma, herdeiro de um património artístico, literário, histórico, de que o Antonio personificava, à

sua maneira, a síntese inimitável. Italiano da Toscana que nunca se esqueceu do mundo mediterrânico e, talvez por isso, tão português na expressão da sua magoada melancolia.

O António era um homem cuja bondade vivia em permanência ferida pelos males e horrores do mundo, com os quais não se conformava. Com os quais nunca verdadeiramente se conformou. Homem bom como todo aquele que não sendo um ideólogo, tem dentro de si um ideal de justiça, e que a essa aspiração, a esse código de honra, a essa dimensão moral, se mantém fiel contra ventos e marés.

Sim, agora ficam-nos os seus livros (lembro-me da *Mulher de Porto Pim*, de *Nocturno Indiano*, dos *Pequenos Equívocos sem Importância*, do *Afirma Pereira*), e muitas outras páginas que daqui em diante passam também a pertencer-nos.

Este sentimento de partilha é o melhor legado de qualquer grande escritor. De partilha e gratidão.

Abuxarda, quinta-feira, 19 de Abril

Ali, no centro de Cascais, no largo Visconde da Luz, armaram um pequeno carrocel para crianças. Passei por lá esta manhã, e vi-o andar à roda, lentamente, dir-se-ia girar em câmara lenta: dois leões de juba ameaçadora, dois tigres, um elefante, um porco de narinas dilatadas, um cavalo de patas no ar prestes a saltar, enfim toda a panóplia zoológica para divertir e assustar a miudagem. Num repente, veio-me à memória aquela cena final de um filme de Hitchcock, cuja acção se desenrola em crescendo a toda a velocidade num carrocel desgovernado.

Hoje, contudo, naquela praceta, não havia criança alguma, talvez por ser ainda bastante cedo, onze e meia da manhã, se tanto. A empregada olhava para aquilo tudo de braços cruzados, encostada a uma espécie de bilheteira improvisada.

Eu sei, a imagem é fácil, mas não pude deixar de pensar no nosso querido e martirizado país, que empobrece a olhos vistos de dia para dia, e que aquele carrocel vazio às voltas devagarinho naquele largo sem ninguém, parecia querer simbolizar.

Visita à Marmeleira do José Pacheco Pereira.

O fascínio pela memória acumulada das bibliotecas, labirinto de épocas e gentes, ensinamentos e saberes, inventário de museus redescobertos que são parte da nossa memória esquecida. Se todo o livro é expressão de um infinito, de quantos não será feita uma biblioteca?...

Sim, amar os livros é nunca os ter em demasia!

Abuxarda, sexta-feira, 18 de Maio

Na morte de Nuno Guimarães

Os amigos que morrem compõem à nossa volta um pequeno círculo cujas margens se vão estreitando.

Uns estão próximos; outros regressam para logo se afastar; os demais permanecem longe, como se receassem incomodar-nos. Juntos lembram um bailado em que a configuração das principais figuras a cada passo se altera e recompõe consoante a iluminação do palco ou a intensidade da música de fundo. Em todos, porém, é-me fácil adivinhar o mesmo leve sorriso em forma de aceno, porque todos eles afinal me dizem o mesmo: «Deixa-te de coisas, vem daí, já é altura de te vires embora, não te iludas nem te demores por mais tempo, já temos saudades tuas, calcula tu!, é natural pois tanta conversa ficou inacabada, vamos retomá-las agora com outro espírito e mais vagar, a viagem é penosa decerto mas dispensa passaportes e bagagens, e com alguma sorte é tão só um mau pedaço que passa depressa, vem daí, homem, arruma de vez os teus papéis ou deita-os fora, vem tudo a dar ao mesmo, junta-te aos bons, temos muito que recordar, entre outras coisas, perceber melhor o que deixámos pelo caminho — ah, o desperdício que foram as nossas vidas! — a gente conhece-te, estarás bem connosco, vai pensando nisso a sério, meu velho, não te distraias, cá te esperamos!»

Roma, terça-feira, 26 de Junho

Por toda a parte nesta cidade, onde a cada canto a beleza nos surpreende e deslumbra, esta natural elegância tão própria ao viver italiano.

Culto e cultura da sofisticação que de há muito lhe pertence em jeito de tradição. Penso no querido David Mourão-Ferreira que, apaixonado pela Itália, nunca se cansou de cá vir.

Abuxarda, domingo, 16 de Setembro

Manifestações em todo o país contra as novas medidas de austeridade anunciadas pelo Primeiro-Ministro, cuja teimosia e falta de intuição psicológica nascem de uma enorme ignorância histórica e política.

A arrogância tecnocrática, falha por definição de qualquer sensibilidade social, é a pior das cegueiras.

Vá lá explicar-se a esta gente que a cultura dita humanística não é um luxo para ociosos mas a gazua que ajuda a entender o mundo à nossa volta e a agir da melhor maneira.

Paris, quinta-feira, 17 de Janeiro

Exposição Edward Hopper no Grand Palais

Olhar diferente, todo o pintor traz consigo uma paisagem afectiva. Hopper é disso o perfeito exemplo.

Ao brilho, eficácia, trepidação da existência americana, que está sempre a encontrar soluções e a inventar o futuro, Hopper contrapõe a solidão, o abandono, o naufrágio quotidiano. O desalento das almas, para tudo dizer.

Sim, estas gentes tresmalhadas que povoam, como que por acaso, o espaço destes quadros, não esperam sequer pela morte — estão alhures, como se dela já tivessem desistido. Perderam a vida, em vida, e agora não sabem o que fazer com o que dela resta. Tornaram-se clandestinos de si próprios.

O tempo aqui não é sinónimo de impaciência, mas antes uma espera que aos poucos se desviou, enclachada algures à maneira de um velho barco sem rumo.

No fundo, Hopper — essa é outra das suas singularidades — representa o *anti-american dream*, o oposto por exemplo de um Norman Rockwell (1894-1978), que se empenhou em celebrar as virtudes tradicionais da sociedade norte-americana.

E, contudo, Hopper, revés da mesma moeda, é imensamente americano. Ao retratar os homens e mulheres, gente sem lugar e sem voz, que ficaram pelo caminho, triturados pela máquina do êxito que condena quem a ela não se submete, denuncia do mesmo passo a exclusão social que impõe estigmas, regras e recompensas, em detrimento de tudo o mais. Na América, o êxito profissional é um imperativo patriótico. Scott Fitzgerald dizia que a característica da vida americana era a de não dar a ninguém uma segunda oportunidade. As figuras aqui presentes, também elas perderam essa oportunidade ou nunca a tiveram...

De todo este acervo, porém, o quadro mais intrigante é o último que ele pintou em 1963, já com 82 anos, intitulado *Sol num Quarto Vazio*.

Pouco se vê, dado o estreitíssimo ângulo de visão: a vidraça de uma janela fechada a dar para as árvores de um parque vizinho — que se adivinham mais do que se vêem — duas paredes inteiramente lisas, destituídas de objectos, quadros ou gravuras, sem tão-pouco sinal algum de uma presença humana. Só o sol, um sol que parece nascer das primeiras horas da manhã, enche e preenche o pequeno espaço vazio à nossa frente. A mim, faz-me lembrar um quarto de hotel, acabado de ser limpo, após alguém ter nele pernoitado, pago a conta e saído. Ou, se calhar, sabe-se lá, depois de haverem sido retirados o cadáver de um homem ou de uma mulher que ali terão morrido, inadvertidamente, durante a noite... Enfarte ou suicídio?

Para quem como ele pintou as muitas sombras da noite, pois essa é a tonalidade e a essencial memória dos seus quadros, esta luz radiosa que irrompe lá

de fora com esta cegante claridade, a lembrar um primeiro sol de Primavera, tem qualquer coisa de deslocado, para não dizer de irremediável. Sugere o quê, afinal? Nem anúncio nem promessa — antes uma condenação sem apelo.

Fala de si, recordando episódios da sua vida, como se evocasse uma pessoa em tempos conhecida, já morta.

Rever um texto com a intenção de o ajustar às correcções idiomáticas ou aos purismos linguísticos, é retirar-lhe parte da seiva e do sabor que o definem. Numa palavra, é deturpá-lo, já que uniformizar equivale a substituir e substituir a empobrecer. Até porque utilizar palavras é conferir-lhes sempre um significado nosso. Sim, nós somos o nosso próprio dicionário!

Em última análise, em termos literários, o que é um estilo — um conjunto inimitável de imperfeições.

Abuxarda, quarta-feira, 12 de Junho

Bom retrato do António Pinto da França, que nos deixou há dias, pelo Luís Amorim de Sousa no *Jornal de Letras* de hoje.

No prefácio que redigi, há cerca de 10 anos, para o seu Diário de Luanda intitulado *Angola, o Dia-a-Dia de Um Embaixador 1983-1988*, anotei tudo aquilo que, aos meus olhos, melhor definia os contornos da sua tão peculiar personalidade: «uma disponibilidade sem afectações; uma compreensão em forma de generosidade; uma atenção vivida sob o signo da confiança», acrescentando logo depois, «creio não errar ao dizer que há no António, nesta adesão envolvente à realidade que o circunda, um fundo quase oriental. Um modo singular de estar e de olhar o mundo, de o viver e desfrutar. Um outro modo de ser, em suma».

De facto, senhor de outras prioridades e paixões, o António incorporava o mundo em redor com uma sempre renovada curiosidade. E assim convivia plenamente consigo porque a sua vida era um todo indivisível, situando-se ele no centro dela.

Ainda há bem pouco tempo o pude comprovar, quando passei pela *Anunciada Velha* a fim de participar, por sua iniciativa, no colóquio «Bibliotecando em Tomar». Houve depois jantar em casa com a Sofia e duas das suas sobrinhas, demorando-nos todos à conversa em família à volta da grande mesa redonda. Dei-me então conta mais uma vez deste traço de espírito: o António discorria com igual facilidade sobre o passado e o presente sem verdadeiramente os distinguir, como se correspondessem a uma mesma unidade de tempo. Do mesmo modo, privilegiava em toda e qualquer questão, tanto a

forma como o fundo, realidades para ele indissociáveis, excluindo do mesmo passo uma apreensão parcelar em favor de uma visão de conjunto.

Bom conhecedor da antiga África portuguesa, apreciava igualmente o Brasil, onde sempre se sentira bem. Ao fim e ao cabo, gentes e terras que substanciavam, juntamente com a Indonésia, parte da sua íntima geografia. Sim, era fundamentalmente isso o António: um homem de encontros e afinidades, o que o levava a querer partilhar os seus entusiasmos. Era vê-lo deambular pelos recantos da quinta (e fazia-o a cada vez como se fosse a primeira), por entre pausas e comentários, indicando aqui os destroços de um muro, acolá a nascente de uma fonte, mais adiante a antiga linha divisória da propriedade, demorando-se no inventário de um pormenor ou no insólito de uma pedra — o *lado humano das coisas*, afinal... com o qual convivia naturalmente. Por outras palavras, e este era outro traço da sua personalidade — querer entender o mundo para lá da razão. A arte de viver não estará precisamente nesse modo de assimilar o tempo, fora de qualquer tempo, descobrindo-lhe, a cada instante, a fugacidade e a espessura?

Nas Necessidades, tivera um longo percurso, iniciado em Djakarta e concluído em Roma, tendo-o feito sem concessões ideológicas, quer antes quer depois do 25 de Abril. De resto, era alheio e avesso ao mundo da política partidária, e, ao contrário de tantos, não sofria de complexos sociais, não cultivava a intriga, não praticava a rasteira, não vivia de esquemas e jogadas. Os «carapaus de corrida», ou, melhor dito, os sempre-em-pé, suscitavam-lhe uma sorridente comiseração.

Lembro-me de ter visto há uns tempos atrás uma reportagem na televisão sobre a *Villa Lusa*, a nossa embaixada junto da Santa Sé, quando o António Pinto da França lá residiu como embaixador. A páginas tantas, ele aparece no pequeno ecrã a fazer de cicerone e a dar explicações sobre o património artístico e histórico do palacete. Vendo bem, contudo, o António, anfitrião por gosto e natureza, estava ali a acolher visitantes não na qualidade de mero hóspede de passagem, mas, sim — como se fosse a coisa mais natural deste mundo — fazendo as honras de sua casa.

Nos últimos anos, talvez por influência minha, descobrira a dimensão insubstituível da escrita e as muitas dimensões que ela comporta.

Abuxarda, sexta-feira, 21 de Junho

Fui esta manhã à Leya, em Alfragide, levantar a nova edição do Camus que, em boa verdade, é a terceira. Edição mais cuidada esta e mais completa reunindo três textos meus vindos entretanto a lume, e um novo prefácio.

Escreveria eu hoje este livro? Desta forma? Dizendo o que digo? Falsa pergunta, atendendo ao tempo decorrido. Porém, tudo visto e somado, quero crer que sim, apenas procuraria adoptar uma escrita mais incisiva, forma de acertar

no alvo sem desperdiçar munições. Saber escrever situa-se precisamente aí: entre ductilidade e precisão, de que são testemunho as magníficas páginas de Julian Barnes no seu último livro dedicadas à evocação de Pat, sua mulher. A eloquência, expressão de elegância, quer-se despojada.

Seja como for, por este ou aquele motivo, pouco importa (como se sabe, nunca se escreve o que se quer escrever), tudo isto tem já um sabor a coisa requentada. O que me interessa hoje é apurar aquilo que em tempos me levou a elaborá-lo, as muitas razões que então me incitaram a fazê-lo. Motivação que pertence ao livro, estando dentro e fora dele, à maneira de uma capa que o torna reconhecível.

Em carta a Eduardo Lourenço, Vergílio Ferreira endereçava estas linhas certas: «Escrever sobre alguém implica que esse alguém tenha estado no horizonte da nossa formação.» Mais: evocar percursos alheios é quase sempre, ainda que de forma indirecta, por oposição ou afinidade, esboçar a nossa própria autobiografia. Daí que escrever seja muitas vezes exorcizar influências ou, pelo contrário, nelas nos reencontrarmos. Também este estudo é o reflexo de um determinado tempo que já passou, à maneira de uma antiga fotografia que nos suscita uma divertida curiosidade. Somos nós e já deixámos há muito de o ser... Tempo nosso fruto de uma encruzilhada de circunstâncias, marco isolado do nosso percurso, momento irrepetível a meio do caminho, luz acesa ao longe — e é bom que ela não se apague enquanto andarmos por aqui, pois sempre nos ajuda a continuar. Porque embora nenhum livro seja igual aos demais, uns e outros nascem da mesma assinatura e se inserem na mesma aventura temporal — o da nossa brevíssima vida, afinal — que os demarca e delimita.

Feitas as contas, é o que fica, sempre é melhor do que nada.

Desinteligências da inteligência: porque não sabe ter razão, perde a razão que tem.

Li há uns anos de um autor francês desconhecido, André Blanchard, de seu nome, esta sucinta observação: «A felicidade? Uma palavra infeliz.»²

Em meu entender, é esta a mestria de um bom aforismo: a de um pequeno abre-te Sésamo! Num ápice, juntar a brevidade do dizer à fulgurância da reflexão. Escrever curto à maneira de uma lápide.

Instigado pela curiosidade, pus-me em campo para descobrir mais sobre o dito Blanchard (conhecer a cultura de qualquer país, incluindo o nosso, é conhecer-lhe as figuras de segundo plano), tendo apurado que, nascido em 1951, vive em Vésoul, cidade de província situada algures no Leste da França, onde trabalha numa galeria de arte.

Um tanto bicho do mato, alheio ao circo mediático dos autores consagrados, Blanchard tem vindo a entregar-se à elaboração de um diário, que conta já com numerosos volumes. Segundo depreendo, é esta a principal, se não mesmo a única actividade literária a que se dedica sem interrupções desde há cerca de trinta anos.

Leitor disciplinado, lá fui adquirindo, um a um, os vários exemplares da sua diarística, tendo descoberto neste último, que abrange os anos de 2009-2011, outra das suas sentenças igualmente digna de registo. Diz ele, a determinado passo: «É com aquilo que não tivemos, que escrevemos.»³ Bingo!, pensei cá com os meus botões, meia dúzia de palavras que valem uma tese de doutoramento!

Porque escrever é exumar o que ficou por viver; possuir o que nos escapou; ressuscitar o que nunca existiu; dar vida ao que morreu antes de tempo; descobrir quem não chegámos a ser; inventar quem poderíamos ter sido.

Sim, a fonte do que escrevemos nasce do que não fomos.

O gosto e o culto do pormenor pode ser revelador de um alto grau de exigência civilizacional — é o caso do Japão.

À escala individual, porém, verifica-se com frequência o contrário. É na reivindicação do pormenor que o medíocre revela a plenitude da sua mediocridade, convencido que melhor afirma a sua diferença.

Há gente assim cuja vida é um atalho.

Abuxarda, sexta-feira, 9 de Agosto

Eu, que tanto prezo a pontualidade, cheguei atrasado a todos os encontros da minha vida.

São Francisco, 26 de Agosto a 12 de Setembro

Cidade aberta, convidativa, rica e bem cuidada. (Há um lado helvético nesta preocupação de arrumo e asseio.) Aqui, ali, e um pouco por toda a parte, jardins, parques e florestas.

Como sempre, nos americanos, o culto da Natureza, tida como uma dádiva de ordem superior, suscita um sentimento quase religioso de respeito que importa salvaguardar a fim de o transmitir intacto. Basta percorrer muitas destas localidades a norte e a sul de São Francisco para se perceber que é esta uma crença largamente partilhada.

Nos países ricos, o requinte e o gosto pela sofisticação constituem uma mais-valia, uma forma de convívio, um modo de estar; nos países pobres, é uma ofensa, quando não um opróbrio.

Para lá das muitas disparidades sociais e de uma história semeada de violência e racismo, a América criou um invejável estilo de vida, doseando na justa medida responsabilidade cívica e liberdade individual — legado do que de melhor oferece o modelo britânico. A par de uma expressão civilizacional, são princípios que correspondem a uma forma de identidade colectiva.

No Brasil, o optimismo é um factor de coesão nacional; aqui, nasce da convicção generalizada de uma imanente superioridade moral, com o seu quê de irritante como o é toda e qualquer presunção.

«Nós somos a nação indispensável», proclamou há uns anos com a devoção beócia dos recém-chegados à terra prometida, a Sra. Madeleine Albright, judia checa foragida em tempos de uma Europa de guerras e nazismos.

Só é pena que os americanos teimem em impor a sua «indispensabilidade» a tantos que de bom grado a dispensariam.

Exposição dedicada aos *Impressionistas e a Água* no museu Legião de Honra (que raio de designação para um museu!?).

Nunca me dera conta até que ponto a água — ondulante presença feita de diversidade e frescura — é parte integrante da visualização impressionista do mundo.

Da praia de Trouville em Claude Monet aos charutos a remos em Caillebotte, dos barquitos à vela em Seurat e Signac às margens arborizadas do Sena em Manet, Pissarro ou Sisley, a água inaugura e compõe o fosforescente pulsar da paisagem.

Nada mais natural. O próprio do traço impressionista é o de querer apreender a fugacidade das coisas: relevos, sombras, manchas, transparências e cintilações, e, ainda, a cor, o movimento, a ordenação das cores em movimento, as mutações da luz — variável equilíbrio.

Em essência, pintar é absorver o instante, ir ao seu encontro, fotografá-lo. Porque esse é o ponto de partida onde tudo se inscreve, cumplicidade que privilegia a percepção mais do que o imaginário. Em tudo e por tudo, uma festa do olhar!

Abuxarda, sexta-feira, 18 de Outubro

Hannah Arendt de Margarethe von Trotta, interpretada por Barbara Sukowa.

Quer tenha estado certa ou errada nas conclusões que veio a extrair do processo Eichmann em Jerusalém (1961), Hannah Arendt pagou pela moeda forte a afirmação da sua independência de espírito. E não há nada de mais louvável do que as almas solitárias que, em defesa dos seus princípios, enfrentam a intolerância dos que se arrogam o direito à «verdade», como se

dela fossem seus exclusivos proprietários. Não só a verdade absoluta, que não admite adversativas, mas pior: as injunções moralistas e condenatórias que a acompanham.

De qualquer modo, isso pouco a afectou naquilo que ela considerava ser a legítima expressão das suas convicções, de que não abriu mão.

De resto, Hannah Arendt não era pêra doce, como o comprova a correspondência que ela manteve com o seu amigo de longa data, Gershom Scholem⁴ historiador e perito no estudo da cabala. A determinado passo, diz isto que bem a define. «Antes de mais, em toda a minha vida, nunca ‘amei’ nenhum povo ou qualquer outra colectividade em especial, fosse alemã, francesa ou americana, nem por exemplo a classe operária / [...] / Na verdade, só gosto dos meus amigos e sou totalmente inapta a qualquer outro tipo de amor. Por outro lado, esse amor pelos judeus parece-me suspeito, sendo eu própria judia / [...] / Numa palavra, ‘não gosto’ dos judeus e ‘não acredito’ neles, pertenço apenas de forma natural e factual a esse povo.»

Em carta a seu marido, repisará a mesma ideia, indo mais longe. « Nunca me senti uma mulher alemã e já há muito tempo que deixei de me sentir uma mulher judia. Sinto que sou realmente o que sou: uma rapariga vinda de terras estrangeiras.»⁵

Está tudo dito: o seu mundo é o da cultura, os seus valores são morais, as suas raízes, intelectuais.

O exílio é isso mesmo: estar só; não ter casa própria; saber-se intruso em toda a parte.

Abuxarda, 21 de Outubro

Atribuição do 1.º Prémio Europeu Helena Vaz da Silva para a Divulgação do Património Cultural na Fundação Gulbenkian pelo Presidente da República a Claudio Magris.

O nome de Claudio Magris estará sempre associado ao belíssimo *Danúbio*, publicado em 1988. Desde então, escreveu e decerto escreverá outros livros de igual merecimento, mas *Danúbio* ficará como um sinal de luz a assinalar o seu percurso de escritor — por mais injusto que seja. De quantos autores, afinal, não se poderá dizer o mesmo, refêns de uma única obra, cujo eco abafa as restantes?...

Antes do início da sessão, sou-lhe apresentado pelo Guilherme d'Oliveira Martins. Breve troca de impressões sobre Italo Svevo, a que Magris se refere nos seus escritos e de que li recentemente a biografia da autoria de Maurizio Serra. Intrigante e apagada figura a deste romancista cujo talento, então largamente ignorado, seduzira Joyce, embora ainda permaneça assaz desconhecido.

Umberto Saba, Italo Svevo, Claudio Magris, escritores triestinos portadores de uma memória própria inconfundível.

Cidade-fronteira, esquecida algures nas margens do Adriático, Trieste, que passou a vida a trocar de identidades como quem muda de passaporte, é hoje a expressão e símbolo de uma Europa da encruzilhada, que a Europa ignora.

A elegância do *Tai chi*.

Lentamente, com uma lentidão impregnada de tempo, os gestos vão desenhando figuras e contornos. Aos poucos, sucessivamente, de forma ininterrupta ou nunca interrompida.

É uma geometria envolvente esta, sem ângulos ou arestas, que nasce da própria continuidade onde se insere e dela gradualmente se emancipa, lembrando certas composições musicais que ao se renovar parecem repetir-se.

Andamento musical sem som, coreografia em câmara lenta onde aqui, sim, o dançarino se confunde com a dança⁶ pois ambos integram o mesmo íntimo espaço que com eles se desloca à maneira de um pequeno círculo de luz.

O corpo não anda, desliza; não recua, cede terreno. Em tempos concebida como arte marcial, dela herdou o *tai chi* uma economia de meios aliada ao gosto da exactidão. O movimento é cauteloso, mas preciso; abrangente, mas certo. Nada aqui é deixado ao acaso, nem sequer as pausas, embora se tenha o sentimento de assistir a uma encenação improvisada. É o contrário, todavia: a mente e o corpo provêm de um idêntico espírito, e ambos se enriquecem dessa recíproca valorização. Porque tudo é encadeamento, cada parcela sendo parte do mesmo todo e só isso faz sentido — simetria, harmonia, osmose, disciplina mental que é também uma lição de anatomia. E de apaziguamento, e de serenidade, e, quem sabe, de plenitude. Lao-Tseu diz algures que a coragem, não raro, assume formas de paciência.

O gesto, aliás, não separa nem se afasta, estende-se, desdobra-se, prolonga-se, retém-se — numa palavra, unifica. Essa é a sua intrínseca razão de ser.

Tal como na arte literária, na estatuária, na moda ou na pintura, a leveza é aqui síntese do essencial. Daí que nada possa ser escamoteado.

Fica o resto que não é pouco: esta nua caligrafia a nascer, a repetir-se, a extinguir-se no próprio instante em que se cria, linguagem fruto de uma antiga sabedoria. Em suma, o melhor do Oriente: a sempre renovada aprendizagem de um ensinamento que não morre.

Abuxarda, sexta-feira, 7 de Fevereiro

Sofre de súbitas quebras de carácter como outros de baixas de tensão.

Folheando ao acaso um destes meus cadernos de citações, como me apraz fazer de quando em quando, páginas minhas quase minhas de tanto as manusear, encontro duas imagens da morte que, aos meus olhos, a retratam com exactidão.

A primeira é de Paul Morand: «Morrer é como saltar de um comboio em marcha; só vemos os três sinais vermelhos do último vagão, que se afasta. O comboio continua sem nós, sem o menor atraso.»⁷

Não sei se os comboios ainda têm essas três luzitas vermelhas na última carruagem, mas lembro-me perfeitamente de ter visto inúmeras vezes os tais três pontinhos luminosos a deslizarem na distância ao longo da via-férrea. Já não me recordo quem lá então viajava, mas de qualquer modo eram despedidas que para mim nada tinham de definitivo, tudo permanecia igual ao que sempre fora. (Durante muitos anos, não houve um antes nem um depois na minha vida.)

A outra imagem é de Nélide Pinón que diz a mesma coisa de outra forma: «A morte é simplesmente deixar a sopa esfriar na mesa, cruzar a porta do jardim sem olhar para trás ao menos para dizer adeus a quem fica, tomar um caminho que não se sabe por onde o leva e do qual nunca mais se retorna.»⁸ Sair porta fora e esquecer-se de voltar, não conheço melhor definição da morte.

De facto, sem recorrer às filosofias definitivas que se quedam sempre aquém do essencial, morrer é isso mesmo: desaparecer de um dia para o outro da paisagem quotidiana à maneira da última carruagem que se afasta noite dentro... Sem pressas e sem dar nas vistas.

A paisagem quotidiana é o pequeno quiosque de jornais onde vamos todas as manhãs e onde deixaremos de aparecer; a esplanada do café onde já não nos sentaremos à conversa; a tinturaria, a papelaria, a farmácia, a gasolineira onde temos por hábito encher o depósito (simpática a menina da caixa), e sobretudo as gentes que lá trabalham e de há tanto nos conhecem, pertencendo uns e outros, nós, eles, e todos nós de igual modo a esse cenário aparentemente inamovível que compõe o dia-a-dia dos nossos dias. Mês a mês, ao longo dos anos.

É certo que alguns deles, amigos, conhecidos, ou meras presenças habituais, se vão aos poucos sumindo e já não são substituídos, a lembrar o comboio que abandona a estação e deixa de ser visto.

Esta gente que vai desaparecendo à nossa volta assemelha-se àquelas antigas fotografias dos regimes comunistas, em que certos figurões caídos em desgraça não mais comparecem ao lado dos velhos camaradas, deixando na versão retocada um vazio por preencher. À maneira de uma nódoa invisível.

Quando chegar a nossa vez, haverá uma outra ausência, e essa nova ausência seremos nós.

Abuxarda, domingo, 27 de Abril

Na morte de Vasco Graça Moura

A morte de um velho sábio equivale ao desaparecimento de uma biblioteca, segundo um conhecido provérbio africano. À sua maneira, o Vasco Graça Moura era uma grandiosa biblioteca que, de tão vasta e antiga, ninguém sabia ao certo a data da sua fundação. Nascera com ele? Ou precedera-o de alguns séculos?...

Homem de convicções e coração generoso, não lhe faltava tão-pouco independência de espírito. Tinha gosto, aliás, em remar contra a maré e fazia-o com inegável desassombro. E, o que mais é, com júbilo. A cultura é o outro nome da liberdade.

Face ao cancro que andou anos seguidos a apertar-lhe o cerco, o Vasco deu provas da mesma teimosa irreverência. Fez-lhe frente e não lhe virou a cara, sem desmerecer da vida que amou plenamente. Dia a dia e com igual paixão. Sim, sem nada ceder ou conceder do que era seu, resistiu até ao último momento, sem jamais se dar por vencido.

Há amigos que morrem sem que da nossa parte nos haja sido possível corresponder ao muito que, ao longo dos anos, lhes ficámos a dever. Dívidas insoldáveis.

NOTAS

[O Autor segue a antiga ortografia.]

¹ Referido no *Diário de Paris*, a 7 de Fevereiro de 2003, p. 258-62.

² «Le bonheur? Un mot malheureux.» Cf. *Impasse de la Défense, carnets, 1993-1995*, Paris, Éditions Erti, 1998.

³ «C'est avec ce que nous n'avons pas eu, que nous écrivons.» Cf. *À la demande générale, carnets 2009-2011*, Paris, Le Dilettante, 2013.

⁴ Cf. carta de Hannah Arendt datada de 20 de Julho de 1963, *Correspondance Hannah Arendt — Gershom Scholem*, Paris, Éditions du Seuil, 2012, p. 429.

⁵ Cf. Elzbieta Ettinger, *Hannah Arendt e Martin Heidegger*, Lisboa, Relógio d'Água, 2009, p. 84.

⁶ Alusão ao conhecido verso de Yeats «How can we know the dancer from the dance?».

⁷ *Journal Inutile, 1968-1972*, Paris, Gallimard, 2001, p. 259.

⁸ *Coração Andarilho*, Editora Record, 2009, p. 227.